

Posição de Jayme Sisnando na Romancística Cearense

ABELARDO F. MONTENEGRO

“Cada cearense que se ausenta carrega sua terra natal dentro do coração. Não a esquece e, quanto mais sofredora ela é, devido ás intempéries climáticas, mais ele a ama e lhe deseja felicidade”. (1)

O cearense Jayme Sisnando, ausente da terra natal, não a esquece na verdade.

E ele não nega que ao escrever os seus romances “havia bastante nostalgia”. (2)

O seu primeiro romance — *Sertão Bravo* — publicado em 1938, foi escrito no Amazonas. Escreveu-o para dar expansão ao desejo de escrever e matar no Amazonas. Escreveu-o para dar expansão ao desejo de escrever

Jayme Sisnando entende que há um romance cearense cuja característica é “a força psicológica” dos personagens, demonstrada na luta contra o meio árido, desfavorável, que lhes retém a alma”. Romance cearense que se distingue, ainda, pelo “vocabulário regional, cheio de expressão e colorido, cuja semântica sómente póde ser bem compreendida por quem tenha vivido na Terra da Luz”. (4)

Tendo nascido e vivido no sertão, Jayme não o olvida e aproveita-o como cenário em seu primeiro romance.

O primeiro grito vêm do sertão e não do mar. “Certamente, diz ele, não podemos com absoluta certeza precisar o motivo por que o cearense, tão admirador dos *verdes mares bravios* de sua terra, cantados tão lindamente em Iracema, ainda não escreveu o romance do jangadeiro que lhes sulca as ondas encapeladas.

“Entretanto, acho que a causa está no fato de poucas pessoas conhecerem realmente a existência dessa gente humilde e heroica, que tira o pão das entranhas do mar. Muito poucos homens de letras, senão raros, têm-se aventurado a enfrentar o pélagos imenso, sobre aqueles toros de madeira, a fim de sentir as emoções daquela vida arriscada, desafiando têmesperas de aço.

“Assim, sem conhece-la tão diretamente, não poderiam criar senão obra de imaginação. Ao passo que o sertão é outra coisa. Todo cearense o

conhece, têm participado dele, nem que seja por alguns dias. Não admira, pois, que os escritores o escolham para cenário de suas obras de ficção". (5)

Discordamos de Jayme e concordamos inteiramente com o sociólogo-romancista Jader de Carvalho, quando diz: — "No meu modo de ver, para que uma terra seja na verdade o fundo de um romance, é preciso que ela nos apresente dois conteúdos expressivos: o econômico e o social. Os grupos humanos prendem-se a um sem número de atividades, mas entre estas alguma ha de predominar. Na vida cearense predomina o tipo de atividade rural, em que se abraçam uma agricultura e um regime pastoril incipientes e primitivos. É claro, pois, que o drama do homem se desenrole numa sociedade de linhas prefixadas por esse meio econômico. E é nesse meio que podem realmente viver os tipos humanos que o romancista, com menor ou maior fidelidade, soube arrancar á realidade social. Em síntese: o Ceará é o sertão e nunca o litoral. Nem mesmo a serra, com a sua vida meio insular, poderia fornecer ao romancista o material necessário para a tessitura do *romance cearense*. Na praia como nas serras, falta densidade econômica e expressão social capazes de fornecer a côr dominante de uma paisagem. O Ceará pode ser conhecido como a terra das jangadas e dos jangadeiros. Mas, na economia e na sociedade brasileiras, nós pensamos como pescadores ou como agricultores? Não quero dizer com isso que os nossos romancistas não disponham de fatos e de tipos para um romance litoraneo. Absolutamente. O que eu desejo afirmar é mais ou menos isto: o nosso romance é rural ou citadino, porque a vida econômica mais densa e a vida social mais forte são justamente encontradas no campo e na cidade. A jangada apenas enfeita a história social e política do Nordeste. De ponto de vista econômico, — ela é quase nada. Um complemento, se tanto. O que a jangada é, realmente, é um fato geográfico, que os tempos não destruirão. Quando digo *tempos*, quero dizer técnica, progresso, transformação econômica". (6)

Sertão Bravio têm Quixeramobim como cidade-cenário. Realiza uma exaltação da terra cearense, do Ceará no verão e do Ceará no inverno, numa verdadeira identificação ecológica.

O enredo amoroso, o amor de Mário por Joanhina — filha do cel. Francisco — é aproveitado pelo autor para ressaltar o denodo e a valentia do homem do sertão.

Jayme Sisnando não pôde esquivar-se de explorar a clássica antítese da nossa romancística: o contraste entre o sertanejo e o citadino. Mário e o dr. José Gonçalves encarnam esse antagonismo.

A exploração do tema leva o autor a uma estilização quase cinematográfica. Mário, quando luta contra os cabras do cel. Francisco, por ocasião do rapto de Joanhina, assemelha-se ao *rapazinho* dos filmes de *far-west* no momento em que conquista a *mocinha* dos bandidos.

Sertão Bravio é um romance fraco. Não há jogo de paixões, nem

profundidade psicológica. As personagens perdem-se no meio sertanejo. O drama da terra é mais intenso do que o dos homens. Daí a dificuldade, o teste para o romancista, em nos dar personagens que se imponham e permaneçam indelevelmente.

As cenas da seca são descoloridas. Não pódem ser comparadas ás vigorosas pinceladas dos quadros de Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio, Raquel de Queiroz e Cordeiro de Andrade.

No romance de Sisnando, surge a figura de Mr. Davis, representante da raça *dominadora* em país semi-colonial.

Nos romances sul-americanos, o inglês é personagem conhecida. Na romancística cearense, porém, Mr. Davis constitui o primeiro inglês a dar o ar de sua graça.

As gerações mais velhas das cidades sertanejas, de algumas delas, ainda vivem de recordações dos *bons tempos* das construções de açudes que jamais foram construídos. Os mais idosos recordam a fase aurea em que os técnicos de John Bull bebiam whiskey e exibiam libras esterlinas.

Mr. Davis faz lembrar os seus patrícios que deixaram inconclusos açudes projetados e iniciados: Orós, Patú, Boqueirão. Ele, na verdade, porém, não passa de um representante do imperialismo britânico.

"No caminho para a sua casinha junto ao Observatório, Mr. Davis ia pensando: A Inglaterra é um país poderosíssimo, com as suas imensas oficinas metalúrgicas, a fabricar esquadras, aviões, armas de guerra, que a fazem respeitada e temida por todas as potências do mundo... Este Brasil é um mundão quase abandonado, sem gente, sem força sem bons governos... A Inglaterra, apesar de toda a sua grandiosidade, têm parte da população que vive no pauperismo, e que precisa enriquecer noutras partes. Assim, ela poderá enviar os seus colonos para cá, e, infiltrando-nos aos poucos, iremos tomando conta destas terras riquíssimas, até nos apoderarmos de tudo, em nome da nossa prática, que nos garantirá a vida e propriedade com os seus invencíveis *dracnoughts* ... E tudo isto será dela, estará sob o seu jugo, como a Índia, o Canadá, a Austrália, a Irlanda..." (7)

A função de Mr. Davis no romance de Sisnando é, também, a de quebrar a monotonia da fabulação. O inglês é o humor, um pouco de sal no prato sertanejo que nos serve o autor.

Em 1942, publicou Jayme Sisnando o seu segundo romance cearense: *Nasci para casar*. Trata-se da biografia de Derval de Aquino, cariense que nasceu para casar e não para ser padre, contrariando, assim, o ardente desejo da família.

A cidade de Crato é evocada com os seus engenhos de cana de açúcar, na fertilidade de seus canaviais e na alegria infantil de seus sítios.

A necessidade de reviver constitui o imperativo do nostálgico. Nessa revivescência, revela Sisnando certo pendor para memorialista.

Em Nasci para casar, a dialogação já é melhor. As personagens são mais bem apresentadas.

Em quase todo romance cearense, ha personagens com patrimônio de recordações dolorosas. A seca permanece na memória do povo. Há toda uma tradição oral. Os mais velhos vão transmitindo aos mais moços a experiência. É raro o cearense que não ilustra a palestra com cenas ou episódios comoventes do cataclisma.

O romance de Jayme Sisnando não podia eximir-se da tragédia do povo cearense, *Em Sertão Bravio* e *Nasci para casar*, há personagens que emigram para o Amazonas, onde o próprio autor viveu, chegando a fundar, em Manaus, a *Academia Literária dos Novos*.

Filho do sertão, sente-se ele atraído pelas águas profundas do mar. *Nasci para casar* oscila entre o sertão e a praia, entre Crato e Fortaleza, entre a rua das Flores e a Colônia de Pescadores.

Sisnando podia ter-nos brindado com um romance praieiro. Mas, como o seu Derval, é ele pescador de água doce. "Não tinha aquela coragem do seu Jorge a enfrentar, ousado, o mar alto. Como S. Pedro temia o ímpeto das ondas encapeladas". (8)

Mesmo sem escrever o romance do jangaderio, Sisnando não esqueceu esse heroico tipo. Derval, de *Nasci para casar*, esposa uma filha de pescador.

O sociólogo-romancista Jader de Carvalho justifica muito bem a deficiência de nossa romancística, quando afirma: "Em suma, o romance tipicamente cearense é o romance rural. O romance da fazenda, do sítio de cana, das terras do algodão. O romance urbano tem menos especificidade regional; as pequenas cidades, todas elas se parecem. Natal, Fortaleza, Terezina podem inspirar (e tem inspirado) romances em que não existem fronteiras nem sociais, nem mesmo psicológicas. A normalista de S. Luís não difere da sua colega de João Pessoa. O promotor de Belém não se distancia muito do promotor de Fortaleza. Agora compare a economia rural do Pará, do Maranhão, do Ceará. Compare também os tipos sociais de três regiões geográficas e económicas perfeitamente distintas..." (9)

O romance cearense de Jayme Sisnando não se reveste de carater socializante. Não é revolucionária a sua concepção de arte.

"Minha concepção de arte, diz ele, é que ela deve visar o belo, tanto na essência quanto na forma, procurando agradar e instruir ao mesmo tempo. As partes tristes ou feias devem aparecer apenas para dar realce ao belo, ao conjunto. São como o fundo escuro duma paisagem, fazendo sobressair os efeitos da luz.

"Com a publicação dos meus romances viso, além de satisfazer o meu desejo de escrever, contribuir um pouco para o desenvolvimento das letras em meu país, de sua instrução, e também tornar mais conhecido o povo e a terra cearense.

“Quanto a seus objetivos humanos é o de cooperar para a correção da injustiça social, buscando a felicidade para todos ou para o maior número possível.

“Mostrando erros e defeitos, nada mais quero do que tentar sua eliminação, chamando a atenção para os mesmos, procurando contribuir um pouco para a perfeição, sempre buscada e sempre inatingível” (10)

Dentro dessa concepção de arte, pôde Jayme Sisnando dar-nos bons romances em cujo espelho possamos admirar as potencialidades do valente povo cearense.

N O T A S

- | | |
|-----------------------|--|
| 1 — Jayme Sisnando |Resposta a um questionário do autor |
| 2 — “ “ |Resposta a um questionário do autor |
| 3 — “ “ |Resposta a um questionário do autor |
| 4 — “ “ |Resposta a um questionário do autor |
| 5 — “ “ |Resposta a um questionário do autor |
| 6 — Jader de Carvalho | <i>Diário do Povo</i> , de 14-3-1948 |
| 7 — Jayme Sisnando |“Sertão Bravio” pgs. 34-35 |
| 8 — “ “ |“Nasci para casar” — pg. 109 |
| 9 — Jader de Carvalho | <i>Diário do Povo</i> , de 14-3-1948 |
| 10 — Jayme Sisnando |Resposta a um questionário do autor |
-